

MARIA QUITÉRIA / SOLDADO MEDEIROS: UM SOLDADO ENTRE AS CONDECORAÇÕES NACIONAIS E O ESQUECIMENTO

Helder Thiago Maia

Resumo: A partir das discussões da crítica literária sobre “donzelas-guerreiras”, analisamos as obras *Diário de uma viagem ao Brasil* (1824 [1990]), de Maria Graham, *Paraguassú: epopeia da guerra da independência na Bahia* (1837), de Ladislau dos Santos Titara, *A heroína* (1859 [1977]), de Franklin Dória, *Brasileiras Célebres* (1862 [2004]), de Joaquim Norberto Souza Silva, *Anno biographico brasileiro* (1876), de Joaquim Manoel de Macedo, *Mulheres Illustres do Brazil* (1899), de Ignez Sabino, *Grandes vultos da independência brasileira* (1922), de Affonso de Taunay, *Heroínas Bahianas* (1936), de Bernardino José Souza, *Precursoras Brasileiras* (1945), de Olmio Barros Vidal, *Maria Quitéria* (1953), de Pereira Reis Júnior, e *Maria Quitéria: peça em três atos* (1958), de Nancy Navarro Carvalho, com o objetivo de entendermos, principalmente, como são narrados o gênero e o trânsito de gênero vividos pela personagem histórica e literária Maria Quitéria de Jesus/Soldado Medeiros (1792-1853). Estamos interessados em entender não só como a personagem é construída enquanto uma “donzela-guerreira”, mas também qual o lugar que Maria Quitéria/Soldado Medeiros ocupa na formação das identidades e dos cânones literários nacionais.

Palavras-Chave: Maria Quitéria. Soldado Medeiros. Donzela-guerreira.

MARIA QUITÉRIA / SOLDADO MEDEIROS: UN SOLDADO ENTRE LASCONDECORACIONES NACIONALES Y EL OLVIDO

Resumen: A partir de las discusiones de la crítica literaria sobre las “doncellas guerreras”, analizamos las obras *Diário de uma viagem ao Brasil* (1824 [1990]), de Maria Graham, *Paraguassú: epopeia da guerra da independência na Bahia* (1837), de Ladislau dos Santos Titara, *A heroína* (1859 [1977]), de Franklin Dória, *Brasileiras Célebres* (1862 [2004]), de Joaquim Norberto Souza Silva, *Anno biographico brasileiro* (1876), de Joaquim Manoel de Macedo, *Mulheres Illustres do Brazil* (1899), de Ignez Sabino, *Grandes vultos da independência brasileira* (1922), de Affonso de Taunay, *Heroínas Bahianas* (1936), de Bernardino José Souza, *Precursoras Brasileiras* (1945), de Olmio Barros Vidal, *Maria Quitéria* (1953), de Pereira Reis Júnior, y *Maria Quitéria: peça em três atos* (1958), de Nancy Navarro Carvalho, con el objetivo de entender, principalmente, como se narra el género y el tránsito de género vividos por el personaje histórico y literario Maria Quitéria de Jesus/Soldado Medeiros (1792-1853). Nos interesa entender no sólo cómo se construye el personaje como una “doncella guerrera”,

sino también qué lugar ocupa Maria Quitéria/Soldado Medeiros en la formación de las identidades y de los cánones nacionales.

Palabras Clave: Maria Quitéria. Soldado Medeiros. Doncella guerrera.

A “donzela-guerreira” é um paradigma literário, de abrangência mundial, que tem servido como modelo tanto para a criação quanto para a crítica literária. No entanto, aquilo que a crítica literária, especialmente a brasileira, tem chamado, de forma exagerada, de “donzela-guerreira”, está formada, em verdade, por personagens que vivem pelo menos quatro expressões de gênero que são significativamente distintas. Nesse sentido, apesar das duas características que compõem as “donzelas-guerreiras” serem bastante específicas – o trânsito de gênero da personagem e a vida como soldado –, percebemos que muitas vezes elas ou são ignoradas ou são entendidas de forma metafórica pela crítica literária. Assim, o trânsito de gênero pode ser entendido como uma transgressão dentro da própria cisgeneridade, enquanto a participação na guerra pode ser entendida como as dificuldades da vida.

Ao contrário dessa perspectiva, entendemos que as “donzelas-guerreiras” devem ser lidas de forma restrita, não só porque essa leitura ampliada tem homogeneizado as personagens, que são lidas exclusivamente como mulheres cisgêneras, mas também porque essa perspectiva atribui pouco ou nenhum valor ao trânsito de gênero e às vidas, literárias e/ou históricas, que ultrapassam as fronteiras normativas da cisgeneridade. Nesse sentido, a crítica tem construído uma perspectiva de leitura sobre as “donzelas-guerreiras” que não só tem se mostrado patologizante, mas também ativamente silenciadora de corpos e vivências que hoje seriam entendidas como identidades trans.

Isto posto, concluímos, conforme análises anteriores (MAIA, 2018), que na constelação literária do que a crítica tem chamado de “donzelas-guerreiras” há: *mulheres masculinas*, personagens que não foram à guerra e nem viveram um trânsito de gênero, mas que apresentam uma performatividade de gênero que rompe com a feminilidade hegemônica; *mulheres guerreiras*, personagens que foram à guerra, mas que não viveram um trânsito de gênero, ainda que a participação na guerra signifique uma

transgressão às normatividades de gênero; *donzelas-guerreiras*, personagens que foram à guerra e viveram exclusivamente durante o período da guerra como homens; e *transgeneridades guerreiras*, personagens que foram à guerra e viveram como homens sempre que puderam e/ou desejaram.

Apesar de pouco lida pela crítica literária, a personagem histórica e literária Maria Quitéria de Jesus/Soldado Medeiros (1792-1853) tem sido recorrentemente apontada como uma “donzela-guerreira”¹ (GALVÃO, 1998; VILALVA, 2004; BATISTA, 2012; FREITAS, 2012). Assim sendo, a partir das obras *Diário de uma viagem ao Brasil* (1824), de Maria Graham, *Paraguassú: epopeia da guerra da independência na Bahia* (1837), de Ladislau dos Santos Titara, *À heroína* (1859), de Franklin Dória, *Brasileiras Célebres* (1862), de Joaquim Norberto Souza Silva, *Anno biographico brasileiro* (1876), de Joaquim Manoel de Macedo, *Mulheres Illustres do Brazil* (1899), de Ignez Sabino, *Grandes vultos da independência brasileira* (1922), de Affonso de Taunay, *Heroínas Bahianas* (1936), de Bernardino José Souza, *Precursoras Brasileiras* (1945), de Olmio Barros Vidal, *Maria Quitéria* (1953), de Pereira Reis Júnior, e *Maria Quitéria: peça em três atos* (1958), de Nancy Navarro Carvalho, analisamos como são narrados o gênero e o trânsito de gênero vividos pela personagem, bem como a sua participação na guerra. Estamos interessados em entender não só como a personagem é construída enquanto uma “donzela-guerreira”, mas também qual o lugar que Maria Quitéria/Soldado Medeiros ocupa na formação das identidades e dos cânones literários nacionais.

Convém destacar que as obras escolhidas correspondem não só às primeiras obras históricas e literárias, localizadas, a narrarem a personagem, mas também a dois momentos históricos distintos. Nesse sentido, no primeiro conjunto de obras, produzidas, ao longo do século XIX, sob os auspícios da recém conquistada independência, há um primeiro ímpeto em narrar Maria Quitéria/Soldado Medeiros como uma heroína nacional, enquanto no segundo conjunto de obras, produzidas, na primeira metade do século XX, sob os augúrios getulistas, e durante as comemorações de seu centenário de

¹ Usamos o termo “donzela-guerreira” com aspas para nos referirmos ao paradigma literário, enquanto o termo donzela-guerreira sem aspas faz referência a uma das quatro vivências de gênero que se desdobram da constelação literária das “donzelas-guerreiras”.

morte, os autores tentam não só reafirmar a sua heroicidade, mas também retirá-la do ostracismo.

Antes de começarmos a analisar as obras literárias, é preciso dizer que Maria Quitéria de Jesus/Soldado Medeiros nasceu em 1792, no interior da Bahia, na vila de São José das Itaporocas, antigo distrito de Cachoeira, primogênita de Gonçalo Alves de Almeida e Quitéria Maria de Jesus, onde viveu aproximadamente até os doze anos. Após a morte da mãe e da primeira madrasta, e com o terceiro casamento do pai, a família se muda para a Serra da Agulha, onde viveu com outros oito irmãos. Em setembro de 1822, aos trinta anos, sob o nome de Soldado Medeiros, assenta praça como soldado, em Cachoeira, no regimento de artilharia, sendo logo depois transferido para a infantaria, no Batalhão Voluntários do Príncipe, mais conhecido como Batalhão dos Periquitos, onde lutou pela independência da Bahia e do Brasil (REIS JÚNIOR, 1953, p. 17-45).

A guerra de independência da Bahia, que visava expulsar a autoridade portuguesa do estado, onde era mantida uma grande frota militar, aconteceu entre fevereiro de 1822 e julho de 1823, no entanto, Maria Quitéria/Soldado Medeiros lutou somente entre setembro de 1822 e julho de 1823. Nesse curto período, não só foi reconhecido e ascendeu militarmente pela sua bravura, especialmente pela sua atuação nas batalhas da Pituba, de Itapuã e da foz do Rio Paraguaçu, como também teve revelado o seu trânsito de gênero e se casou. Apesar da falta de informações sobre o seu primeiro companheiro, que provavelmente morreu em combate, uma portaria de 31 de março de 1823 indica que estava casada e/ou amigada com o furriel João José Luís (REIS JÚNIOR, 1953, p. 48).

Ainda que não saibamos exatamente quando o trânsito de gênero é conhecido pelos seus companheiros e superiores, sabemos que uma portaria de 28 de março de 1823, do Conselho Interino do Governo, destina “ao cadete Maria Quitéria, dois saíotes de camelão ou de outro pano semelhante” (REIS JÚNIOR, 1953, p. 47) para que feminizasse o seu uniforme com a incorporação de um saíote escocês, o que significa não só que o trânsito de gênero se manteve em segredo por no máximo sete meses, mas que também lhe foi autorizado a seguir como Soldado Medeiros, ainda que fosse entendido como uma mulher. Sendo feminizado o uniforme, a sua manutenção não indica

necessariamente um trânsito de gênero, mas talvez uma transgressão de gênero, uma vez que é entendido como um fardamento feminino.

Após o fim da guerra, recomendada pelo comandante do Batalhão dos Periquitos, embarca em 29 de julho de 1823 para o Rio de Janeiro, onde é recebida como soldado, no dia 20 de agosto, pelo imperador D. Pedro I. Maria Quitéria é condecorada com a insígnia de Cavaleiro da Ordem Imperial do Cruzeiro, honraria dada aos heróis do país recém independente, e recebe uma pensão de alferes em retribuição de seus feitos (REIS JÚNIOR, 1953, p. 57). Em setembro de 1823, volta à Bahia, onde casa novamente, agora com o lavrador Gabriel Pereira de Brito, com quem tem uma filha, Luísa Maria da Conceição. Entre 1823 e 1843, mora provavelmente em Feira de Santana, onde luta judicialmente pela herança do pai, e, entre 1843 e 1853, em Salvador, viúva e com a filha (REIS JÚNIOR, 1953, p. 63-68). Maria Quitéria/Soldado Medeiros morre, de inflamação no fígado, em Salvador, em 21 de agosto de 1853, viúva, anonimamente, praticamente cega e com grandes dificuldades financeiras (REIS JÚNIOR, 1953, p. 70).

Entre o diário e a biografia: as obras do século XIX sobre Maria Quitéria/Soldado Medeiros

Diário de uma viagem ao Brasil, traduzido para o português pela primeira vez em 1956, foi publicado originalmente em 1824, como *Journal of a Voyage to Brazil: And Residence There, During Part of the Years 1821, 1822, 1823*. De autoria da escritora, desenhista e historiadora inglesa Maria Graham, a obra é um precioso relato da viagem e da estadia da autora no Brasil. Escrito para ser posteriormente publicada, a obra não só foi revisada e acrescida de documentos históricos e imagens, algumas delas feitas pela própria autora (GRAHAM, 1990, p. 19), como também conta com uma Introdução que traça um “esboço da História do Brasil” para uma melhor compreensão do diário (GRAHAM, 1990, p. 23).

A obra, apesar de ser muito bem organizada e de ser histórica e esteticamente muito rica, produz e repete perspectivas coloniais não só sobre os indígenas brasileiros, mas também sobre as pessoas negras escravizadas, mesmo quando defende a abolição da escravidão. Apesar disso, o seu caráter

testemunhal, acrescido de diversos documentos históricos, torna o diário uma obra significativamente importante para a compreensão não só da colonização, da escravidão e das lutas de independência, mas também dos costumes e hábitos brasileiros.

Nesse sentido, apesar de não estar focado na narração da vida de Maria Quitéria de Jesus/Soldado Medeiros, o livro é um relato fundamental para compreender não só a personagem histórica, uma vez que é o único testemunho de alguém que a conheceu, mas também a personagem literária, uma vez que esse encontro e/ou o seu conteúdo é recorrentemente reelaborado por outros textos literários. Ademais, junto com o livro de David Bailie Warden (1833) e de Ladislau dos Santos Titara (1837) são as únicas obras publicadas que abordam Maria Quitéria/Soldado Medeiros ainda durante sua vida. O texto de Warden (1833), no entanto, apesar de ser apontado pela historiografia brasileira como um outro testemunho sobre a personagem, é antes uma transcrição quase literal do texto de Graham.

Maria Quitéria/Soldado Medeiros não aparece só em um momento do diário de Graham, como normalmente se aponta, mas em três. No primeiro deles, em uma breve introdução à segunda parte do diário, onde a autora narra a sua segunda visita ao Brasil, em 1823, após breve período no Chile, ao falar sobre as guerras de independência da Bahia, Graham destaca a participação valiosa de “Maria de Jesus” nas lutas na foz do rio Paraguaçu. Ademais, acrescenta que as motivações para a participação na guerra são “patrióticas”, e que “o espírito patriótico não se havia confinado aos homens” (GRAHAM, 1990, p. 259-260). Em um terceiro momento, que se refere ao dia 24 de setembro de 1823, afirma que recebeu o “retrato” pintado por Earle, e que o mostraria ao amigo e protetor de “Dona Maria de Jesus”, o patrono da independência José Bonifácio de Andrada e Silva.

Por fim, em um segundo momento, obedecendo a uma ordem cronológica de entradas no diário, Graham, no trecho mais extenso sobre Maria Quitéria/Soldado Medeiros, narra, no dia 29 de agosto de 1823, a visita que recebeu de “D. Maria de Jesus, jovem que se distingui ultimamente na guerra do Recôncavo” (GRAHAM, 1990, p. 349). De forma geral, podemos dizer que as motivações da personagem para o trânsito de gênero e para participação nas guerras de independência são explicadas a partir de

motivações patrióticas. Ademais, a autora entende a vida como homem unicamente como disfarce. Nesse sentido, nem mesmo é citado o nome masculino sob o qual viveu a personagem, sendo descrita sempre como “Dona Maria de Jesus”.

Graham destaca que “Dona Maria de Jesus” se veste como um soldado, “com a adição de um saiote inglês, que ela me disse ter adotado da pintura de um escocês, como um uniforme militar mais feminino” (GRAHAM, 1990, p. 349). A autora inglesa também parece sugerir que mesmo sendo delicada e alegre, Quitéria/Medeiros era, em sua aparência, masculino o suficiente para não ter “descoberto” o seu trânsito de gênero durante a guerra. Assim, só as reclamações paternas ao comandante de seu batalhão revelaram o trânsito de gênero da personagem (GRAHAM, 1990, p. 351).

Ademais, como se procurasse justificar a destreza militar da personagem, explica que as mulheres do interior da Bahia fiam, tecem e bordam, mas também aprendem a usar armas de fogo, tal como os homens, para se defenderem de “índios brabos” (GRAHAM, 1990, p. 350). Ainda segundo o texto, Quitéria fugiu de casa após a visita de um emissário à casa de seu pai, que teria chegado para solicitar apoio financeiro e novos voluntários para a guerra. No entanto, o pai, assim como em outras narrativas de “donzelas-guerreiras”, diz que já está velho para a guerra e que não tem filhos para enviar, e que seus escravos também não teriam interesse na guerra², e por isso esperaria o resultado e seria súdito pacífico de quem vencesse (GRAHAM, 1990, p. 350).

Motivada pelas palavras do emissário, Quitéria/Medeiros teria ido à casa da irmã, que não só teria estimulado a sua participação na guerra, como também teria dado roupas do marido para que Quitéria pudesse se alistar como o soldado Medeiros. Assim, quando o pai viaja para Cachoeira para negociar algodão, Quitéria aproveita a ocasião e o acompanha a distância, “bastante perto para ter proteção em caso de acidente na estrada, bastante longe para escapar de ser presa”, e chegando em Cachoeira, “vestiu-se à moda masculina”, e assenta praça no regimento de artilharia, sendo logo depois

² Sobre a presença e o recrutamento de pessoas negras escravizadas nas guerras de independência da Bahia, consultar Hendrik Kraay (2002).

transferido para a infantaria (GRAHAM, 1990, p. 350). Por fim, após a guerra, onde teria se destacado no campo de batalha, é enviado ao Rio de Janeiro para ser apresentado ao imperador, que lhe dá uma insígnia da Ordem do Cruzeiro, condecoração dada aos heróis da pátria, e lhe concede uma pensão de alferes (GRAHAM, 1990, p. 351).

A partir do diário de Maria Graham (1824 [1990]), podemos dizer que Maria Quitéria/Soldado Medeiros pode ser entendida como uma “donzela-guerreira”, uma vez que transita de gênero, ainda que o trânsito seja conhecido durante a guerra, e vai à guerra. Nesse sentido, apesar de manter a farda na visita à Corte, parece-nos que a manutenção da farda feminizada é antes uma transgressão dentro da feminilidade, do que uma compreensão de si como homem, uma vez que na Corte está também cumprindo uma missão oficial e representando os soldados que lutaram pela independência da Bahia.

Em 1837, treze anos após a publicação de Maria Graham, e dois anos após a publicação da primeira parte, o poeta baiano Ladislau dos Santos Titara publica a segunda parte do seu longo poema *Paraguassú: Epopeia da Guerra da Independência da Bahia*, que narra Maria Quitéria/Soldado Medeiros exclusivamente a partir das lutas de independência da Bahia. Titara é um observador privilegiado desses combates, uma vez que também lutou em suas trincheiras, o que faz com que as descrições das batalhas sejam abundantemente detalhadas. Apesar disso, ainda que seja bastante provável, não há registros de que o autor tenha conhecido pessoalmente Maria Quitéria/Soldado Medeiros. No entanto, assim como a nossa personagem, Titara também recebeu a insígnia do Cruzeiro do Sul por sua atuação nas lutas de independência.

De acordo com Anazildo Silva (2017, p. 222), apesar de receber escassas e depreciativas considerações da historiografia literária, a obra *Paraguassú* além de ser a primeira epopeia romântica brasileira, também inaugura a narrativa literária de fundação histórica da identidade brasileira. Organizada em nove cantos, as lutas de independência se dão em dois planos, o histórico e o maravilhoso. No histórico, onde Maria Quitéria/Soldado Medeiros irá aparecer, os fatos, os nomes dos soldados e a geografia local são excessivamente detalhadas, o que inclui longas notas de rodapé, enquanto no plano maravilhoso, as entidades míticas e heroicas intercedem ora a favor dos

portugueses, a exemplo de Vênus e Baco, ora a favor dos brasileiros, como “Catharina Paraguassú” e “Nyctheroy”.

Ademais, assim como há uma interação, como aponta Silva (2017, p. 222), entre os heróis da tradição indígena e os heróis brasileiros da guerra, há também a união do histórico e do maravilhoso na figura do Visconde de Pirajá, a quem está dedicada a obra e que também lutou nas guerras de independência, uma vez que este seria neto da heroica “Catharina Paraguassú”, precursora do movimento de independência e que atua a favor dos baianos no plano maravilhoso (TITARA, 1973, p. 227). No entanto, além do destaque dado a Pirajá, os guerreiros anônimos, assim como Joana Angélica e Maria Quitéria/Soldado Medeiros, são também importantes personagens da epopeia.

Maria Quitéria/Soldado Medeiros aparece no Canto VII, onde lidera uma ação que expulsa os portugueses da foz do Paraguaçu. Os versos de Titara narram a personagem exclusivamente como uma mulher guerreira, ou melhor como uma “férvida Amazona”, uma “destemida Penthesilia heróica”, o que faz referência à rainha das amazonas gregas Penthesileia. Nesse sentido, não há qualquer menção ao trânsito de gênero vivido pela personagem. No entanto, assim como em outras obras, Maria Quitéria/Soldado Medeiros é chamada de “Maria de Medeiros”, o que indica uma mescla do nome de batismo e do nome militar. Deste modo, após ser conhecido o trânsito de gênero, é possível que o Soldado Medeiros também fosse chamado de Soldado Maria Medeiros.

Na foz do Paraguaçu, Maria Quitéria/Soldado Medeiros inflama e comanda outras “armígeras bahianas”, de “frágil sexo”, à luta contra os portugueses. Nesse sentido, para além de “Maria Medeiros”, entendida nos versos unicamente como mulher, haveria também outras mulheres nas lutas de independência da Bahia. O discurso de Maria Quitéria/Soldado Medeiros às outras soldadas baianas alerta para o perigo luso, que intenta violar e ultrajar à pátria brasileira, mas também a filhos, familiares, esposos e amantes. Assim, Quitéria/Medeiros e suas outras guerreiras, inflamadas pelo rancor e pela ira da primeira, avançam com água na altura dos seios, penetram no navio e expulsam os portugueses da foz do Paraguaçu (TITARA, 1837, p. 159-160).

A partir do poema épico de Titara (1837), que descreve Maria Quitéria/Soldado Medeiros exclusivamente em sua atuação militar na foz do Paraguaçu, sem abordar como teria chegado à guerra, ou como teria vivido após o seu fim, podemos dizer que a personagem é narrada, como já dissemos, como uma mulher guerreira, uma vez que é omitida qualquer menção ao trânsito de gênero vivido pela personagem, incluindo o seu nome masculino. Ademais, as motivações para a ida à guerra, assim como em Graham (1824 [1990]), se referem à defesa da pátria e de seus familiares.

Em 1859, com a publicação da poesia “À Heroína”, no livro *Enlevos*, do escritor e político baiano Franklin Dória, Maria Quitéria/Soldado Medeiros volta às letras brasileiras. Membro fundador da Academia Brasileira de Letras, *Enlevos* além de ser o primeiro livro do autor, publicado aos 23 anos, é também o único de poesias. O jovem poeta, no entanto, ficou mais conhecido por sua atuação política, sendo nomeado governador do Piauí (1864-1866), do Maranhão (1866-1867) e de Pernambuco (1880-1881). Além disso, foi deputado federal pela Bahia (1872-1885) e Ministro da Guerra (1881-1882).

O poeta que louvou a participação de Maria Quitéria/Soldado Medeiros nas guerras de independência da Bahia entre 1822-1823, com a poesia “À Heroína” (1859), foi surpreendido seis anos depois, em 1865, com o alistamento de outra “donzela-guerreira” no exército brasileiro, a cearense Jovita Feitosa. Demonstrando grande coerência, permitiu, enquanto presidente do Piauí, o alistamento de Jovita, aos dezessete anos, no exército piauiense. No entanto, embarcada como segundo-sargento para o Rio de Janeiro, foi proibida, em setembro de 1865, primeiro pelo Ministro da Guerra José Antônio de Saraiva, e depois pelo imperador D. Pedro II, de participar da Guerra do Paraguai, sob a alegação de que as trincheiras seriam incompatíveis com o seu sexo, o que a levou ao suicídio, dois anos depois, aos 19 anos, o que indica que a participação “feminina” no exército brasileiro não estava permitida, mesmo após o reconhecimento de Maria Quitéria/Soldado Medeiros como uma heroína de guerra.

No poema em que louva Maria Quitéria/Soldado Medeiros, Dória atribui como causa exclusiva para a vida como soldado e a participação na guerra “o amor da pátria”, ao mesmo tempo em que diz que ela tinha um “coração virgíneo” (DÓRIA, 1977, p. 190). Maria Quitéria/Soldado Medeiros, no

entanto, apesar de ter um “semblante varonil”, é entendida como uma “amazona”, uma mulher guerreira (DÓRIA, 1977, p. 191). Nesse sentido, o trânsito de gênero só pode ser inferido na poesia por aqueles que conhecem previamente a sua história, uma vez que não se fala nem mesmo de seu nome masculino. Apesar disso, o poema diz também que a personagem não abandona a farda nem mesmo quando volta a viver na roça, onde assim como na guerra não treme e nem se acovarda.

O sujeito lírico também nos conta da percepção dos outros soldados à sua participação na guerra, de onde podemos inferir que a personagem já era entendida por seus companheiros como uma mulher. Nesse sentido, diz que o seu sexo ao mesmo tempo em que impõe respeito à tropa, “santo respeito lhe grangeia o sexo”, também causa espanto devido à sua grande capacidade guerreira, “sua bravura mil espantos gera” (DÓRIA, 1977, p. 191). Assim sendo, podemos dizer que o poeta entende a personagem como uma mulher guerreira, enquanto o político entende que a mulher é capaz, tanto quanto o homem, de lutar pela pátria.

Quarenta e dois anos após a primeira publicação, e nove após a sua morte, Maria Quitéria/Soldado Medeiros aparece no livro *Brasileiras Célebres*, de Joaquim Norberto Souza Silva, publicado em 1862. Nesta obra, “Dona Maria de Jesus” é parte do capítulo Pátria e Independência, onde também constam textos sobre Joanna Angelica e outras “senhoras paulistanas” anônimas que lutaram nas guerras de independência do Brasil. Além disso, em outros capítulos, o livro também traz narrativas sobre outras “donzelas-guerreiras” como Maria Úrsula de Abreu e Lencastro/Baltasar do Couto Cardoso.

O texto começa afirmando que “as senhoras baianas” não se limitaram a apenas manifestar sentimentos patrióticos, mas também empunharam armas, onde se distinguiram para além do que “se devia esperar de seu sexo”. Acrescenta ainda que essas são “corajosas mulheres, de almas varonis, de corações guerreiros” (SILVA, 2004, p. 148). Essa breve entrada já deixa claro que Maria Quitéria/Soldado Medeiros não só será lida exclusivamente como uma mulher (cisgênera), resumindo o trânsito de gênero à ideia de uma “alma varonil”, como as suas motivações para a guerra serão resumidas à ideia de “amor pela pátria” (SILVA, 2004, p. 148). Nesse sentido, nem mesmo o nome masculino sob o qual viveu é citado.

Ademais, podemos dizer que o texto de Souza Silva (1862 [2004]) é uma reescritura romantizada, quase literal, do relato de Maria Graham (1824 [1990]). Assim, o texto nos conta sobre a chegada do emissário à fazenda do pai de Maria Quitéria/Soldado Medeiros, relata a indiferença paterna e o entusiasmo causado por aquelas palavras “no coração da jovem baiana” (SILVA, 2004, p. 149). No entanto, em um ímpeto romântico, Souza Silva (2004, p. 149) cria uma cena, sob a qual não há relatos anteriores, onde Maria Quitéria/Soldado Medeiros confronta o pai, em frente ao emissário, pedindo para ir à guerra, sob a alegação de que as mulheres do Recôncavo manejam armas de fogo, ao que, recriando Graham (1990, p. 350), o pai responde que as mulheres “fiam, tecem e bordam, e não vão à guerra”.

Somente diante da negativa paterna é que a nossa personagem vai à casa da irmã, que não só a estimula, como também lhe cede as roupas do marido (SILVA, 2004, p. 149-150). No dia seguinte, acompanha, escondida, o pai que vai a Cachoeira vender algodão, chegando à cidade, veste “os trajes varonis” e se alista na artilharia, mas como o serviço seria “impróprio à delicadeza de seu sexo”, passa ao batalhão Voluntários do Príncipe (SILVA, 2004, p. 150). O pai vai ao quartel denunciar a sua presença no batalhão, no entanto, a personagem segue na guerra, onde se destaca nas batalhas em Itaparica e na foz do Paraguaçu (SILVA, 2004, p. 150). Entendido como um disfarce, e sem marcações temporais, não é possível inferir por quanto tempo a personagem viveu e foi reconhecido como homem.

Após a guerra, é saudada, junto a outros militares, nas ruas da Bahia, de onde embarca para o Rio de Janeiro, para receber do imperador a insígnia de Cavaleiro da Ordem do Cruzeiro (SILVA, 2004, p. 152-153). Por fim, Souza Silva (2004, p. 153) aponta para suas duas fontes históricas, “Waden”, que na verdade é Warden (1833), e Maria Graham, e termina por associar “Maria de Medeiros” à figura de Joana D’Arc (SILVA, 2004, p. 153). Assim, podemos dizer que Souza Silva (1862 [2004]), apesar da constante reafirmação da mulheridade da personagem, narra-a como uma “donzela-guerreira”, cuja motivação para a vida como soldado e para o trânsito de gênero, entendido como disfarce, é o “amor pela pátria”. Ademais, pioneiramente, associa a personagem, ainda que brevemente, a uma outra “donzela-guerreira”, Joana D’Arc, estabelecendo assim um paralelo entre essas duas figuras heroicas, que

diz respeito tanto à capacidade guerreira e ao heroísmo de ambas, mas também, de alguma forma, ao trânsito de gênero, ainda que entendido exclusivamente como disfarce.

Inaugurando um novo gênero no imaginário histórico e literário sobre Maria Quitéria/Soldado Medeiros, Joaquim Manoel de Macedo, em 1876, inclui a personagem em *Anno Biographico Brasileiro*, livro de efemérides de personalidades brasileiras produzido especialmente para a Exposição Universal de 1876, que ocorreu na Filadélfia. A obra é organizada por dia e mês, e dentro de cada data é apresentado uma pessoa ou acontecimento ilustre. Maria Quitéria/Soldado Medeiros, sob o título “D. Maria Quiteria de Jesus”, aparece no volume dois do livro, na data de 20 de agosto, o que corresponde ao dia em que recebeu a insígnia de Cavaleiro da Ordem Imperial do Cruzeiro das mãos do imperador D. Pedro I. A personagem, portanto, é inserida a partir do reconhecimento do governo brasileiro à sua destacada atuação como soldado.

Apesar disso, “Maria de Medeiros” é narrada exclusivamente como uma mulher, enquanto o trânsito de gênero é entendido unicamente como “disfarce”, cuja motivação é patriótica. Ademais, como se procurasse justificar a presença da personagem a um leitor estrangeiro, ao mesmo tempo em que se desculpa pela transgressão de gênero vivido pela personagem, Macedo não só faz questão de afirmar que, após à guerra, Maria Quitéria/Soldado Medeiros volta a viver de acordo com as normatividades permitidas ao sexo feminino, como também faz questão de destacar que a sua “honestidade de senhora” resplandece tanto quanto a sua bravura (MACEDO, 1876, p. 492). Dessa forma, o uso da farda feminizada com um saiote seria também uma forma de honrar a honestidade de seu proceder (MACEDO, 1876, p. 492).

Nesse mesmo sentido, enquanto em Souza Silva (1862), Maria Quitéria/Soldado Medeiros tenta convencer o pai a permitir a sua participação na guerra na frente do emissário que chega à fazenda em busca de novos voluntários, em Macedo (1876, p. 491), Maria Quitéria espera a saída do emissário para questionar o pai sobre a sua participação, o que demonstra uma maior obediência às normatividades do patriarcado. Afora essa “pequena” diferença, não há outras novidades em relação aos outros textos. Assim, podemos dizer que Maria Quitéria/Soldado Medeiros, apesar de ser entendida exclusivamente como uma mulher (cisgênera), é narrada como

uma donzela-guerreira, mesmo que o trânsito de gênero seja entendido como um disfarce, um sacrifício suportado pela pátria.

Por fim, o último texto encontrado, no século XIX, a narrar Maria Quitéria/Soldado Medeiros se refere ao texto de caráter biográfico “Maria Quitéria de Medeiros”, presente no livro *Mulheres Ilustres do Brasil*, da poetisa e romancista baiana Ignez Sabino. De acordo com o prefácio da autora, o livro apresenta a biografia de quarenta e uma mulheres brasileiras que foram esquecidas pela história³. Essa afirmação de Sabino é absolutamente verdadeira, uma vez que apesar das seis publicações históricas e literárias sobre a personagem (GRAHAM, 1824; TITARA, 1837; DÓRIA, 1859; SILVA, 1862; MACEDO, 1876; SABINO, 1899), Maria Quitéria/Soldado Medeiros entra em um profundo esquecimento na imprensa e na historiografia brasileira após a sua passagem pela Corte, tendo morrido anonimamente em Salvador. Como mostraremos adiante, o resgate histórico da personagem ocorrerá primeiro, timidamente, nas comemorações do centenário da independência do Brasil, depois, com mais força, nas comemorações do centenário de sua morte.

Ainda de acordo com o prefácio da autora, a pesquisa e a escrita do livro lhe permitiram estudar a psicologia feminina, devendo o livro ser entendido como “uma Bíblia de instrução moral e cívica” (SABINO, 1899, p. 9). As afirmações de que se trata de biografia de “mulheres” e de que o livro deve ser entendido como uma “Bíblia” são suficientes para antever que Maria Quitéria/Soldado Medeiros será entendida exclusivamente como uma mulher (cisgênera), e que o trânsito de gênero será entendido como uma impossibilidade, como um mero “disfarce”, o que podemos constatar com a leitura do texto.

Apesar de muitos equívocos, como o nome do pai, a afirmação de que Souza Silva (1862) lhe dedicou um poema e de que “Mary Graham” escreveu uma biografia sobre Maria Quitéria/Soldado Medeiros, o que parece indicar uma leitura indireta dos textos que a autora sugere como fontes, os relatos de Graham (1824) e Souza Silva (1862), o texto de Sabino repete a maior

³ Entre as quarenta e uma mulheres, podemos destacar outras “donzelas-guerreiras” como Maria Úrsula de Abreu Lencastre/Baltasar do Couto Cardoso e Anita Garibaldi.

parte das informações de suas referências. A principal diferença, no entanto, se refere à ausência da irmã de Maria Quitéria/Soldado Medeiros na narrativa. Nesse sentido, enquanto nos outros textos a irmã não só anima Maria Quitéria/Soldado Medeiros a participar da guerra, como também lhe entrega as roupas do marido, em Sabino (1899) não há qualquer menção nem sobre a irmã, nem sobre como a personagem conseguiu as roupas para “disfarçada em homem” se alistar no exército como voluntário (SABINO, 1899, p. 133).

Assim sendo, podemos dizer que a personagem, apesar de ser entendida exclusivamente como uma mulher (cisgênera), é narrada como uma donzela-guerreira, o que significa dizer que não só participou de uma guerra, como viveu um trânsito de gênero, durante o período da guerra, como um “soldado modelo” (SABINO, 1899, p. 133), ainda que entendido exclusivamente como disfarce. Ademais, é preciso dizer também que, assim como nos outros textos que a narram como uma donzela-guerreira, o trânsito de gênero é “descoberto” ainda durante a guerra, passando a personagem a usar um fardamento feminizado, através da introdução de uma saia por cima das calças. Sabino (1899, p. 136) também faz questão de ressaltar que, apesar da convivência com os soldados, Maria Quitéria/Soldado Medeiros não só não era uma mulher grosseira, como também era delicada e afetuosa.

Entre a biografia e o texto dramático: as obras do século XX sobre Maria Quitéria/Soldado Medeiros

Inaugurando a representação literária sobre Maria Quitéria/Soldado Medeiros no século XX, ao mesmo tempo em que se tentava retirar do ostracismo a sua história, uma vez que, apesar das publicações do século XIX (GRAHAM, 1824; TITARA, 1837; DÓRIA, 1859; SILVA, 1862; MACEDO, 1876; SABINO, 1899), Maria Quitéria/Soldado Medeiros morreu anonimamente em Salvador em 1853, após relativa popularidade na sua passagem pela corte em 1823, Affonso de Taunay dá início, nas letras, às comemorações do centenário da independência do Brasil, incluindo a personagem no panteão dos grandes heróis. Motivado pela exposição, no Museu Paulista, de vinte e nove retratos de personagens da independência brasileira, pintados por Oscar

Pereira da Silva e Domenico Failutti, Taunay resolve escrever a biografia desses personagens expostos pelo Museu Paulista (TAUNAY, 1922, p. 3).

Assim, o livro apresenta o quadro exposto no museu, seguido de breve biografia, sendo que a biografia de Maria Quitéria/Soldado Medeiros, sob o título “Maria Quitéria de Jesus Medeiros”, aparece após o retrato de Domenico Failutti. O autor indica como fontes os textos de Graham (1824), Souza Silva (1862) e Macedo (1876), além de dois textos não localizados, o primeiro de Bernardino José de Souza⁴, sem título, o outro de Franklin Dória, o barão de Loreto, sob o título de *História da Independência*⁵. Apesar de não termos localizados esses dois textos, Dória foi lido neste trabalho a partir da poesia “À heroína” (1859), enquanto Souza será lido a seguir a partir de seu livro *Heroínas Bahianas* (1936).

Entendida exclusivamente como uma mulher (cisgênera), que “violentando o destino sublime e pacífico do seu sexo, ao influxo de injunções superiores da vida” (TAUNAY, 1922, p. 181) se veste e se disfarça de homem (TAUNAY, 1922, p. 176), Maria Quitéria/Soldado Medeiros é narrada como uma donzela-guerreira, uma vez que não só vive um trânsito de gênero, entendido como disfarce e “descoberto” ainda durante a guerra, mas também vive como soldado. Nesse mesmo sentido, depois da guerra, volta não só ao lar, mas também ao jugo patriarcal (TAUNAY, 1922, p. 181). Ademais, assim como nos outros textos, as motivações para a vida como homem e soldado são também patrióticas (TAUNAY, 1922, p. 175), uma vez que agiu “impulsionada pelo patriotismo, pura e simples, visando apenas servir ao Brasil e libertá-lo do jugo estrangeiro” (TAUNAY, 1922, p. 181).

De forma geral, portanto, a curta biografia produzida por Taunay repete sem grandes inovações os outros relatos. Nesse sentido, cabe destacar que a personagem interrompe o pai na frente do emissário para que lhe permita lutar (TAUNAY, 1922, p. 175), a irmã não só a entusiasma como

⁴ Souza tem apenas uma obra sobre Maria Quitéria/Soldado Medeiros, o livro publicado em 1936. Nesse sentido, Taunay deve estar se referindo a algum texto publicado em jornal, que não conseguimos localizar.

⁵ Dória não tem um livro chamado *História da Independência*, por conta disso acreditamos que o autor deve estar se referindo a algum texto que circulou apenas na imprensa, que também não conseguimos localizar.

também lhe cede as roupas do marido (TAUNAY, 1922, p. 175), viaja escondida acompanhando o pai a Cachoeira, onde se alista primeiro na artilharia, sendo depois transferida para a infantaria (TAUNAY, 1922, p. 175-176), destaca-se militarmente nos combates na foz do Paraguaçu (TAUNAY, 1922, p. 176), em Pirajá e em Itapuã (TAUNAY, 1922, p. 178), sendo depois reconhecida por sua bravura por seus superiores, primeiro o general Labatut (TAUNAY, 1922, p. 178) e depois o imperador D. Pedro I, que lhe dá a insígnia de Cavaleiro da Ordem Imperial do Cruzeiro, além de uma pensão (TAUNAY, 1922, p. 179-180), e também pelo povo baiano (TAUNAY, 1922, p. 179).

Entre as comemorações do centenário da independência, em 1922, e as comemorações do centenário de sua morte, em 1953, são publicadas outras duas obras a abordarem Maria Quitéria/Soldado Medeiros, o livro *Heroínas Bahianas* (1936), de Bernardino José de Souza, e *Precursoras Brasileiras* (1945), de Olmio Barros Vidal. No primeiro, temos a biografia de Maria Quitéria/Soldado Medeiros junto com as biografias de Joanna Angelica e Anna Nery, no segundo, ao lado de dezessete outras biografias, que incluem “donzelas-guerreiras” como Clara Camarão.

Nos dois livros, Maria Quitéria/Soldado Medeiros é colocada ao lado de mulheres heroicas da independência da Bahia e de mulheres importantes da história brasileira, nesse sentido, podemos dizer que, assim como as outras personagens, será sempre entendida como uma mulher (cisgênera). Ademais, como acontece em Taunay (1922), em Souza (1936, p. 99), antes da biografia, a personagem também é apresentada através do retrato de Failutti, enquanto em Barros Vidal (1945), a imagem que a apresenta é produzida por Alberto Lima.

Em *Heroínas Bahianas*, a “tabarôa de S. José das Itapororocas” (SOUZA, 1936, p. 104), “violentando o destino pacífico de seu sexo, alista-se num batalhão e vae ao lado dos soldados brandir a sua lança vingadora” (SOUZA, 1936, p. 104) nas guerras de independência da Bahia. Nesta obra, podemos dizer que há um primeiro esforço de pesquisa que busca detalhar algumas informações, como o nome dos irmãos da personagem (SOUZA, 1936, p. 105) e dos comandantes militares (SOUZA, 1936, p. 106-110), ultrapassando assim as informações recolhidas por Graham (1824). Nesse sentido, enquanto em Titara (1837) há um esforço por detalhar a geografia baiana e as lutas de

independência, em Souza (1936), sem deixar de recorrer a Graham (1824), Titara (1837), Dória (1859) e Souza Silva (1862), há um primeiro esforço em buscar novas informações sobre a história pessoal e familiar de Maria Quitéria/Soldado Medeiros.

Apesar disso, há informações que se mostrarão incorretas a partir da descoberta posterior de novos documentos. Nesse sentido, por exemplo, Souza (1936, p. 105) afirma que o nome da mãe da personagem é Joanna Maria de Jesus, enquanto documentos cartoriais indicam que o nome correto seria Quitéria Maria de Jesus (REIS JÚNIOR, 1953, p. 17). As motivações para o trânsito de gênero, entendido como disfarce (SOUZA, 1936, p. 110), e para a vida como soldado, assim como nos outros textos, são atribuídas à causa patriótica. Quitéria/Medeiros, portanto, é entendida como pura encarnação do patriotismo, “um dos mais bellos exemplares da tradição valorosa dos bahianos” (SOUZA, 1936, p. 121).

Apesar de entender o trânsito de gênero como disfarce, Souza (1936, p. 109), ao afirmar que a personagem viveu sob três diferentes nomes, nos permite inferir que a mesma experimentou três diferentes vivências de gênero, a primeira como filha de Gonçalo Alves de Almeida e Joanna Maria de Jesus que questiona algumas normatividades que pesam sobre o seu gênero, sob o nome de Maria Quitéria de Jesus; a segunda como homem, soldado e filho de José Cordeiro de Medeiros, que luta e é reconhecido pela bravura em guerra, sob o nome de Soldado Medeiros; a terceira como uma mulher soldado, reconhecida por suas habilidades guerreiras, sob o nome de Maria Quitéria de Jesus Medeiros. Nesse mesmo sentido, Souza também “reconhece” a existência de outras pessoas que entendidas no nascimento como mulheres lutaram e viveram como homens, como Théophile e Felicité (SOUZA, 1936, p. 109-110), e Clorinda (SOUZA, 1936, p. 122). Assim, podemos dizer que a personagem é narrada como uma donzela-guerreira, cujas motivações são patrióticas.

A publicação de *Precursoras Brasileiras* (1945), tem segundo o autor Barros Vidal (1945, p. 7-9), uma dupla finalidade: evitar que as mulheres narradas no livro sejam esquecidas e dar às brasileiras de hoje histórias de brasileiras do passado que muito contribuíram para as conquistas e as emancipações femininas a partir de lutas, sacrifícios e lágrimas. Por conta

disso, o autor promete uma continuação desse primeiro livro que se chamaria *Outras precursoras*. Apesar de destacar a existência de uma biografia não numerosa sobre Maria Quitéria/Soldado Medeiros, como os livros de Graham (1824), de Souza Silva (1862), além das poesias de Titara (1837) e Dória (1859), Barros Vidal utiliza como única referência o livro de Bernardino José de Souza (1936), sendo os outros textos recuperados somente a partir da leitura de Souza (1936), o que faz com que Barros Vidal (1945) repita os mesmos erros históricos de Souza (1936), como o nome e a nacionalidade dos pais, por exemplo (BARROS VIDAL, 1945, p. 42).

O texto sob Maria Quitéria/Soldado Medeiros se intitula “A primeira mulher-soldado do Brasil” e está em diálogo direto com o texto “A primeira guerreira”, que aborda Clara Camarão. Nesse sentido, enquanto Clara Camarão teria sido a primeira mulher guerreira brasileira, Maria Quitéria/Soldado Medeiros foi a primeira mulher-soldado. Os dois capítulos, portanto, deixam claro que enquanto Clara lutou e foi reconhecida sempre em campo como uma mulher, Maria Quitéria/Soldado Medeiros lutou e a princípio foi reconhecido como homem (VIDAL, 1945, p. 41). Ademais, Barros Vidal não só não fala do trânsito de gênero como “disfarce”, mas, ao contrário, afirma que Maria Quitéria desapareceu no Soldado Medeiros (VIDAL, 1945, p. 43).

Por conta das buscas paternas pela “filha” desaparecida, o trânsito de gênero termina, no entanto, sendo conhecido e tornado pública, o que não impede a sua continuação na guerra, graças aos esforços de seu comandante, que mesmo entendendo-a agora unicamente como uma mulher permite a sua continuação no exército por conta de sua grande capacidade guerreira. Por essa razão, ainda de acordo com Barros Vidal (1945, p. 44), deixa de ser conhecido como o Soldado Medeiros e passa a ser conhecido como o soldado Maria Quitéria. As motivações para o trânsito de gênero e para a ida à guerra são explicadas a partir do desejo de “defender o solo pátrio” (VIDAL, 1945, p. 41). Nesse sentido, muito antes da chegada de emissários à fazenda familiar, Maria Quitéria já falava abertamente sobre o “grande desgosto de não ser homem, para também ir bater-se” (VIDAL, 1945, p. 43).

De forma geral, portanto, podemos dizer que o texto de Barros Vidal (1945) narra Maria Quitéria/Soldado Medeiros como uma “donzela-guerreira”,

uma vez que reconhece o trânsito de gênero, mas o circunscreve às circunstâncias da guerra. Por fim, o texto ainda afirma que o nosso soldado era exemplar na disciplina e na bravura, tendo se destacado em batalhas perigosas, como nas lutas na foz do Paraguaçu, e que sua fama e bravura a levou não só ao posto de cadete (VIDAL, 1945, p. 44), mas também ao reconhecimento do povo baiano nas portas do Convento da Lapa (VIDAL, 1945, p. 45) e do Imperador do Brasil, que lhe deu a medalha da Ordem Imperial do Cruzeiro, além da pensão de alferes (VIDAL, 1945, p. 45-46).

No centenário de morte de Maria Quitéria/Soldado Medeiros, que tinha morrido anonimamente em Salvador, em 21 de agosto de 1853, há uma nova redescoberta da personagem, que dessa vez é recuperada e celebrada, principalmente, a partir do exército e do governo de Getúlio Vargas. Nesse novo ciclo narrativo, a personagem aparece em três obras, em *Biografia de Maria Quitéria de Jesús* (1952), de Fernando Alves, livro infelizmente não localizado, em *Maria Quitéria* (1953), de Pereira Reis Júnior, e em *Maria Quitéria: peça em três atos* (1958), de Nancy Navarro de Carvalho. Essas obras, assim como outras homenagens promovidas pelo governo varguista, como a estátua de bronze de quase sete metros no Largo da Soledade, em Salvador, de José P. Barreto, inaugurada em 21 de agosto de 1953, e pelo exército brasileiro, como a criação da Medalha Maria Quitéria, em 4 de fevereiro de 1954, finalmente resgatam a personagem de seu anonimato.

Assim sendo, em 1953, Reis Júnior publica a mais importante biografia sobre Maria Quitéria/Soldado Medeiros, para isso, o autor, segundo seu prefácio (REIS JÚNIOR, 1953, p. 7), recolheu não só relatos orais de pessoas que a conheceram, como também grande quantidade de documentos cartoriais. Os processos de pesquisa e de publicação da obra, no entanto, só foram possíveis graças a um edital do Ministério da Educação e Cultura, de 1947, vencido pelo autor (COELHO, 2019, p. 79). Ademais, de acordo com Raphael Rodrigues Coelho (2019, p. 78), a publicação do livro vai ser um

primeiro estímulo para que o exército se volte às comemorações do centenário de morte desta “heroína” brasileira⁶.

Além do prefácio do autor, a obra também tem um prefácio de Gustavo Barroso, que neste momento era conhecido, entre outras coisas, por suas publicações sobre a “donzela-guerreira” Maria Úrsula de Abreu e Lencastre/Baltasar do Couto Cardoso (1682-1730), que lutou pelo exército colonial português na Índia portuguesa. Nesse sentido, a escolha e o prefácio de Barroso são uma forma de aproximar as duas personagens. No entanto, Barroso não só define as duas como mulheres (ciscgêneras), como nem sequer relata que ambas viveram como homens. Assim, “D. Maria Úrsula de Abreu Lencastre” representaria “o heroísmo da mulher brasileira projetando-se no império colonial português”, enquanto “Maria Quitéria de Jesus” representaria “o heroísmo da mulher brasileira manifestando-se dentro da pátria” (REIS JÚNIOR, 1953, p. 9).

O livro começa, então, analisando o espaço em que circulou a personagem antes de sua participação da guerra. Nesse sentido, não só esclarece que a região onde Maria Quitéria/Soldado Medeiros nasceu era, para o período, densamente povoada, uma vez que se constituía como uma “grande encruzilhada comercial” (REIS JÚNIOR, 1953, p. 11-12), como também afirma que era uma região perigosa, não pela presença de “índios brabos”, como afirma Graham (1990, p. 350), mas pela presença de “ladrões, malfeitores e negros aquilombados, dispostos a tudo” (REIS JÚNIOR, 1953, p. 15). Ademais, a obra afirma também, através de documentos, que seus progenitores eram brasileiros, ao contrário das obras anteriores que afirmam serem portugueses (REIS JÚNIOR, 1953, p. 17).

Reis Júnior também estabelece uma diferença entre a personagem e seus irmãos, o que sugerirá que sua capacidade guerreira tem raízes na infância. Nesse sentido, enquanto os irmãos e irmãs brincam ao redor da casa de seus pais, Quitéria/Medeiros desaparece “horas a fio”, e se entretém

⁶ Em 1953, segundo Rodrigues Coelho (2019:78), o exército estava fazendo uma série de homenagens aos cento e cinquenta anos do nascimento de seu patrono, Duque de Caxias. Nesse sentido, Maria Quitéria/Soldado Medeiros passa a ser celebrada como a patrona do exército brasileiro, ainda que isso só seja oficialmente reconhecido em 1996.

caçando e montando “num animal em pelo” (REIS JÚNIOR, 1953, p. 19). A caça é a sua principal distração e, por isso, maneja com habilidade e pontaria certa uma espingarda (REIS JÚNIOR, 1953, p. 25). Assim, podemos dizer que a sua capacidade guerreira é construída não só pelas contingências de segurança, enquanto filha de um fazendeiro escravocrata, mas também por um passado que localiza na infância o desenvolvimento dessas habilidades.

Ao contrário dos outros textos, Quitéria/Medeiros toma conhecimento da guerra primeiro através de seu cunhado José Cordeiro de Medeiros, e depois através do emissário que chega a sua casa (REIS JÚNIOR, 1953, p. 41). A indiferença de Gonçalo é proporcional ao entusiasmo da personagem para participar das lutas de independência, o que a leva a questionar o pai sobre sua participação na presença do emissário, ao que Gonçalo responde, reescrevendo Graham (1824), que “as mulheres não nasceram para a guerra e sim para tecerem, bordarem e trabalhos de casa. Guerra é para homens” (REIS JÚNIOR, 1953, p. 42-43). As motivações para o trânsito de gênero e para a vida como soldado são, portanto, sempre patrióticas (REIS JÚNIOR, 1953, p. 43). Assim, a personagem assenta praça na artilharia como filho de José Cordeiro de Medeiros, utilizando-se de um “prenome que a história não registra” (REIS JÚNIOR, 1953, p. 44).

Como os outros textos, Reis Júnior (1953, p. 45) diz que é a fragilidade física que leva a personagem a ser transferida para a infantaria, apesar da grande habilidade que possui com armas. Essa troca, no entanto, apesar de sugerir certa fragilidade feminina, é benéfica, uma vez que no novo batalhão pode mostrar suas habilidades com armas de fogo, o que a permite destacar-se em combate (REIS JÚNIOR, 1953, p. 45). O trânsito de gênero é conhecido entre seus companheiros a partir da denúncia paterna, no entanto, seu comandante não cede aos apelos do pai, e Quitéria/Medeiros segue no campo de batalha (REIS JÚNIOR, 1953, p. 47). Podemos inferir, que o segredo sobre seu trânsito de gênero dura apenas um mês, uma vez que o alistamento acontece em setembro de 1822 e a conversa do pai com o comandante em outubro de 1822, sendo o fardamento adaptado em março de 1823 (REIS JÚNIOR, 1953, p. 46).

Reis Júnior (1953, p. 48) também esclarece que um documento de 31 de março de 1823, do Conselho Interino do Governo, sugere que a personagem

estava casada com o furriel João José Luís, o que deve ter ocorrido durante a guerra. Ademais, acrescenta que seria improvável que fossem tratados como companheiros se não fossem oficialmente casados. A falta de informações posteriores sobre o furriel sugere, no entanto, que o mesmo morreu em combate (REIS JÚNIOR, 1953, p. 61). Assim, a personagem, apesar de ser narrada como uma donzela-guerreira, é entendida exclusivamente como uma mulher (cisgênera), uma vez que o trânsito é reduzido à ideia de disfarce, de sacrifício em nome da pátria.

Por fim, o texto também destaca os combates na Pituba, em Itapuã e na foz do Paraguaçu, assim como apresenta informações detalhadas sobre a data de embarque para o Rio, o encontro com o imperador, o recebimento da pensão e da insígnia de Cavaleiro da Ordem Imperial do Cruzeiro, a visita a Graham e o retorno a Salvador. Reis Júnior (1953, p. 57-58) sugere ainda que a personagem não só volta a performar uma feminilidade de acordo com as normatividades de gênero, mas também volta a se submeter à autoridade paterna, justificando a sua transgressão em nome da pátria, e garantindo um retorno à ordem de gênero após o fim da guerra.

Apesar disso, Quitéria/Medeiros em algumas datas comemorativas segue vestindo o uniforme e ostentando a insígnia dada pelo imperador. No entanto, por ser entendido como um uniforme feminino, e por ser apenas eventualmente usado, o uso do uniforme não é narrado como um trânsito de gênero, mas como uma vaidade (REIS JÚNIOR, 1953, p. 61). Dessa forma, o casamento com o lavrador Gabriel Pereira de Brito sela o seu retorno não só à ordem de gênero, mas também ao silêncio sobre a sua vida. Afinal, após lutar por muitos anos para receber parte de sua herança paterna, morre de inflamação do fígado, em Salvador, aos 56 anos, anonimamente, com grandes dificuldades financeiras e praticamente cega, em 21 de agosto de 1853. Na data de sua morte, o único despacho oficial, do Ministro da Guerra, pede apenas a suspensão do pagamento de sua pensão de alferes (REIS JÚNIOR, 1953, p. 70).

A partir de Reis Júnior (1953), podemos dizer que as comemorações de seu centenário estão fundadas na afirmação de sua mulheridade, ainda que a personagem seja narrada como uma donzela-guerreira, e no entendimento de que o trânsito de gênero, entendido como disfarce, é apenas um sacrifício pela pátria. Nesse sentido, a vitória na guerra restaura a ordem de gênero.

Podemos dizer também que as comemorações de seu centenário visam também restituir a glória a uma personagem que morreu anonimamente, no entanto, assim como as outras narrativas se centraram na capacidade guerreira da personagem, os novos textos também, mesmo quando se voltam ao passado, a narram a partir da guerra.

Nesse sentido, os textos se permitem reescrever uma infância para Maria Quitéria/Soldado Medeiros, que está sempre ligada à sua futura participação na guerra, mas não se permitem narrá-la após dar baixa como soldado. Não sabemos que outros silêncios se produzem sobre a sua vida após a guerra, mas sabemos que aquilo que é narrado, seja no século XIX, seja no século XX, tem a guerra e a pátria como centros da narrativa. Nesse sentido, o trânsito de gênero vivido pela personagem só pode ser entendido como uma provação suportada em nome da pátria, o que significa, portanto, negar qualquer perspectiva de reconhecimento de si a partir desse trânsito, ao mesmo tempo em que se afirma a mulheridade, ainda que se fale que viveu como soldado.

Talvez, por isso, nenhuma narrativa avance em sua história para além das circunstâncias da guerra. Assim, podemos dizer que até a obra de Reis Júnior (1953), a narrativa sobre Maria Quitéria/Soldado Medeiros é militarizada, seja pelo Império, seja pela República, seja pelo exército, uma vez que está construída em torno de sua capacidade guerreira e de sua atuação nas guerras de independência. Essa estrutura narrativa, no entanto, começa a ser fissurada com a publicação, em 1958, da obra *Maria Quitéria: peça em três atos*, de Nancy Navarro Carvalho.

O texto dramático de Carvalho (1958), ainda que esteja, assim como as obras anteriores, narrativamente determinada pelas circunstâncias da guerra, aponta, no entanto, para uma reescritura feminista de sua história. Carvalho (1958), sem operar grandes rupturas nos tópicos narrativos sobre Maria Quitéria, produz, no entanto, um novo olhar sobre a personagem. Nesse sentido, “A luta de Maria não é só a luta pelo Brasil livre [...] É a luta da mulher, em si, contra um sistema de vida que lhe tolhe excessivamente as tendências, os anseios, os gostos” (CARVALHO, 1958, p. 53).

Essa última afirmação de Sampaio, que é amigo da família e mais velho que Gonçalo, o que lhe permite certa posição de autoridade, o que não estava dado a Maria Quitéria/Soldado Medeiros, serve ao texto não só para discutir o patriarcado e a mulheridade, mas também para discutir lugares comuns, e machistas, atribuídos ao feminismo. Nesse sentido, Gonçalo responde a Sampaio que “as mulheres querem virar homens”, ao que Sampaio responde que “Dia virá em que a mulher terá os mesmos direitos que o homem!... E é isto que Maria com sua coragem tenta provar sem o saber!... Direito à mesma liberdade que o Brasil terá qualquer dia destes!” (CARVALHO, 1958, p. 53).

Afirmações feministas exclusivamente ditas através de um personagem masculino, assim como uma atuação em prol da mulher não elaborada racionalmente por Maria Quitéria/Soldado Medeiros, obviamente podem sugerir que até mesmo o feminismo é uma elaboração racional masculina, no entanto, preferimos acreditar que é antes uma estratégia narrativa usada pela autora para tornar possível a discussão, uma vez que em um universo dominado pelos homens, a voz feminina seria previamente desautorizada. É necessário recordar também que a obra de Carvalho, publicada em 1958, pelo Ministério da Educação, é resultado de um concurso promovido pelo governo getulista, que visava promover atividades extracurriculares “eficientes de formação e aprimoramento da personalidade dos adolescentes, sob o triplice aspecto moral, intelectual e cívico” (CARVALHO, 1958, p. 3).

Nesse sentido, as provocações feministas inseridas pela autora no texto, através de Sampaio, que é um personagem inteiramente ficcional, parece-nos uma estratégia corajosa e muito bem elaborada pela autora para promover o debate feminista em um ambiente que provavelmente o silenciaria. No que se refere ao gênero de Maria Quitéria/Soldado Medeiros, a personagem é entendida exclusivamente como uma mulher (cisgênera), o que não impede a autora de afirmar que a personagem tem uma “varonil naturalidade” (CARVALHO, 1958, p. 37). Carvalho não afirma que o trânsito de gênero é um disfarce como nos outros textos, e apesar de entender que é uma prática circunstancial à guerra, afirma que Quitéria fazia uso de peças do

vestuário masculino, como calças, muito antes da guerra (CARVALHO, 1958, p. 25).

Assim, podemos dizer que a personagem é narrada como uma donzela-guerreira, uma vez que a vida como homem e soldado, apesar de algumas transgressões de gênero, estão circunscritas à guerra. Nesse sentido, o fim da guerra não significa um retorno à uma ordem de gênero, uma vez que Maria Quitéria/Soldado Medeiros sempre a transgrediu, seja porque usa roupas entendidas como masculinas (CARVALHO, 1958, p. 25), seja porque ousa questionar o pai publicamente (CARVALHO, 1958, p. 13), seja porque maneja armas, ainda que também o façam outras mulheres (CARVALHO, 1958, p. 21), seja porque foge da casa paterna (CARVALHO, 1958, p. 25), seja porque segue como soldado, contrariando a vontade do pai (CARVALHO, 1958, p. 42).

Por fim, é preciso destacar ainda que enquanto nas outras obras a presença de pessoas negras escravizadas esteve sempre restrita à afirmação de Gonçalo de que não permitiria a participação de um de seus escravos na guerra porque eles não teriam interesse nela, na peça de Carvalho é dado algum protagonismo a essas pessoas através da personagem Sebastiana, que mesmo não assumindo uma voz que questione a escravidão, não deixa de marcar o passado escravocrata da família de Maria Quitéria/Soldado Medeiros. Nesse sentido, a escravidão de pessoas negras, que pode passar despercebida nos outros textos, ganha no texto de Carvalho materialidade com a história e a voz de Sebastiana.

Conclusões

Nas seis obras do século XIX, com exceção do poema de Dória (1859), nenhum texto trata exclusivamente de Maria Quitéria/Soldado Medeiros, ao contrário, a personagem está normalmente inserida em obras que abordam, principalmente, mulheres cisgêneras. Essas obras representam um primeiro esforço histórico e literário de transformação de Maria Quitéria/Soldado Medeiros em uma “heroína” da independência nacional, reconhecimento, como vimos, feito pelo próprio imperador D. Pedro I. No entanto, não são capazes de evitar nem que a personagem histórica morra no ostracismo, nem que a personagem literária desapareça entre outras tantas figuras heroicas.

Podemos dizer que enquanto os quatro textos biográficos (GRAHAM, 1824; SILVA, 1862; MACEDO, 1876; SABINO, 1899) constroem a personagem como uma donzela-guerreira, uma vez que narram o trânsito de gênero e a vida como soldado, ainda que entendam o trânsito somente como disfarce, os dois textos poéticos (TITARA, 1837; DÓRIA, 1859) narram a personagem exclusivamente como uma mulher guerreira, ocultando, portanto, qualquer referência a uma possível vida como homem. Nesse sentido, a economia poética tem se mostrado mais conservadora. Quando narrado, o trânsito de gênero é unanimemente entendido como um disfarce, um sacrifício pela pátria. Dessa forma, Maria Quitéria/Soldado Medeiros é sempre entendida como uma mulher (cisgênera).

Além disso, podemos destacar também que essas narrativas obedecem a uma ordem que é tanto laudatória quanto militarizada. Nesse sentido, a personagem é construída de forma sempre elogiosa, e elementos que poderiam problematizar esse lugar, ainda que apareçam, não são problematizados. Sabemos, por exemplo, que Maria Quitéria/Soldado Medeiros está inserida em uma ordem escravocrata, uma vez que há documentos cartoriais que comprovam que Gonçalo mantinha pessoas escravizadas em sua fazenda, no entanto, não sabemos como ela se posiciona diante desta barbárie. Além disso, como já dissemos, as obras do XIX constroem a vida da personagem sempre em torno das atividades militares e da capacidade guerreira da personagem, mesmo quando fabulam sobre o seu passado.

As obras do século XX, analisadas aqui, podem ser pensadas a partir dos contextos em que foram produzidas e publicadas. A biografia de Taunay (1922), por exemplo, está inserida dentro das comemorações do centenário da independência brasileira, o que faz com que Maria Quitéria/Soldado Medeiros apareça ao lado de outras personagens importantes da independência brasileira, hegemonicamente os homens (cisgêneros). Nesse sentido, a personagem segue sendo construída a partir de sua excepcionalidade guerreira e de seu amor patriótico, sendo entendida exclusivamente como uma mulher (cisgênera), ainda que narrada como uma donzela-guerreira.

As biografias de Souza (1936) e Barros Vidal (1945), ainda que um pouco mais distantes destas comemorações, seguem narrando-a como uma

donzela-guerreira, reafirmando a mulheridade e entendendo o trânsito como ou como disfarce ou como algo circunstancial ao período da guerra. No entanto, representam um primeiro esforço por ultrapassar a narrativa de Graham (1824), buscando assim novas informações biográficas sobre Maria Quitéria/Soldado Medeiros. Apesar desse esforço incipiente, podemos dizer que as obras seguem ainda reelaborando um conjunto de informações do século XIX.

As comemorações do centenário de morte de Maria Quitéria/Soldado Medeiros, que coincidem com as comemorações dos cento e cinquenta anos do patrono do exército brasileiro, o Duque de Caxias, fazem com que a personagem seja celebrada a partir de diferentes espaços não só como uma heroína brasileira, mas também como a patrona do exército. Nesse sentido, há uma série de comemorações públicas financiadas pelo exército e pelo governo getulista que promovem não só eventos e solenidades, mas também a produção de estátua e de medalhas, além do financiamento e publicação de pesquisas sobre Maria Quitéria/Soldado Medeiros.

Esse novo momento representa finalmente a saída da personagem histórica e literária do ostracismo, e a popularização de sua história, inclusive através da escola, assim como representa também o aparecimento de biografias exclusivamente centradas em sua história. Apesar disso, Reis Júnior (1953) e Carvalho (1958) seguem narrando-a como uma donzela-guerreira, como uma mulher cisgênera, entendendo o trânsito de gênero como disfarce, e limitando-a a uma perspectiva militarizada.

A obra de Carvalho (1958), no entanto, sem abandonar uma perspectiva militarizada da história de Maria Quitéria/Soldado Medeiros, parece apontar para uma reescritura dessa história a partir de uma perspectiva feminista. Essa hipótese precisa ser verificada com a análise de novos livros. De forma geral, no entanto, podemos dizer que as doze obras analisadas são incapazes de imaginar e de narrar a personagem para além da farda. Os textos não conseguem fabular como Maria Quitéria/Soldado Medeiros viveu após o fim da guerra de independência, ainda que sejam capazes de reelaborar o passado, obviamente como uma forma de reconstruir coerentemente um passado para um futuro soldado, para uma futura

heroína. Talvez não narrar seja uma forma de manter a coerência da heroína nacional.

Apesar de ser entendida e celebrada como uma heroína nacional, Maria Quitéria não pode ser uma identidade feminina nacional possível a outras mulheres. Domesticada pelo militarismo e narrada a partir da excepcionalidade de sua vida, na mesma medida em que os textos fazem questão de reafirmar um retorno à ordem de gênero após a guerra, a história de Maria Quitéria/Soldado Medeiros não consegue nem mesmo fazer, como pudemos ver com Jovita Feitosa, com que outras “mulheres” vivam, ao menos durante o período histórico analisado, a experiência do exército brasileiro. A patrona do exército brasileiro é, portanto, uma exceção, e, por isso, não pode ser um caminho para outras “mulheres”.

Referências

- VIDAL, Olmio Barros. *Precursoras brasileiras*. Rio de Janeiro: A Noite, 1945.
- BATISTA, Edilene. Diadorim, Maria Moura e Monja Alférez: faces diferenciadas do mito da donzela guerreira. In: *I Congreso Internacional de Comunicación y Género*, 2012, Sevilla. Libro de Actas del I Congreso Internacional de Comunicación y Género. Sevilla: Editorial Madrid, 2012.
- CARVALHO, Nancy Navarro. *Maria Quitéria: peça em três atos*. Rio de Janeiro: Jornal do Brasil, 1958.
- DÓRIA, Franklin. À heroína. In: LIMA, João Francisco. *A incrível Maria Quitéria*. São Paulo: Nova Época, 1977.
- ENTREGA dos prêmios aos vencedores do concurso de peças teatrais. *A Noite*. Rio de Janeiro, n. 15.197, p. 11, 1955.
- FREITAS, Norma. O solar e o lunar em Luzia-Homem: a trajetória da donzela-guerreira. *Revista de linguagem do cinema e do audiovisual*, v. 1, n. 2, 2012.
- GALVÃO, Walnice. *A donzela-guerreira: um estudo de gênero*. São Paulo: Senac, 1998.
- GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil*. São Paulo: USP, 1990.
- KRAAY, Hendrik. "Em outra coisa não falavam os pardos, cabras, e crioulos": o "recrutamento" de escravos na guerra da Independência na Bahia. *Revista Brasileira de História*, v. 22, n. 43, 2002.

MACEDO, Joaquim Manuel de. *Anno biographico brasileiro. Rio de Janeiro: Typ. e Lithographia do Imperial Instituto Artístico, 1876.*

MAIA, Helder Thiago. Transgressões Canônicas: Queerizando a Donzela-Guerreira. *Cadernos de literatura comparada*, n. 39, p. 91-108, 2018.

REIS JUNIOR, Pereira. *Maria Quitéria*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1953.

COELHO, Raphael Rodrigues. *A memória de uma heroína: a construção do mito de Maria Quitéria pelo exército brasileiro (1953)*. Tese de Doutorado em História, Universidade Federal Fluminense (UFF), 144f, 2019.

SABINO, Ignez. *Mulheres Illustres do Brazil*. Rio de Janeiro: Garnier, 1899.

SILVA, Anazildo Vasconcelos. *Formação épica da literatura brasileira*. Jundiá: Paco, 2017.

SOUZA, Bernardino José. *Heroínas Bahianas*. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1936.

SILVA, Joaquim Norberto Souza. *Brasileiras Célebres*. Brasília: Senado Federal, 2004.

TAUNAY, Affonso de. *Grandes vultos da independência brasileira*. São Paulo: Melhoramentos, 1922.

TITARA, Ladislau dos Santos. *Paraguassú: Epopéia da Guerra da Independência da Bahia. Parte Segunda*. Bahia: Typ. do Diário, 1837.

VILALVA, Walnice. *Marias: estudo sobre a donzela-guerreira no romance brasileiro*. Campinas: UNICAMP, 2004. 193f. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária) – Universidade Estadual de Campinas, 2004.

WARDEN, David. *Histoire de L'Empire du Brésil, depuis sa decouverte jusqu'a nos jours*. Tome II. Paris: Chez L'Editeur, 1833.

Recebido em 21 de maio de 2022.

Aceito em 18 de junho de 2022.